

23 de fevereiro de 2012

Reunião discute proposta de regularização da Vila

O Movimento de Regularização Fundiária da Vila Residencial reuniu-se no dia 14 com a PR-5 e sua Assessoria Administrativa e Jurídica. Na reunião, ficou acordada a proposta que deverá ser encaminhada pela UFRJ para a Secretaria de Patrimônio da União (SPU) do Ministério do Planejamento.

A AmaVila aprovou em assembléia da comunidade a reivindicação da Concessão de Uso Especial para Fins de Moradia (Cuem). A modalidade foi aprovada também em reunião com a Reitoria, no Consuni e por fim, no Conselho de Curadores. Esta foi protocolada na SPU.

No entanto, agora, representantes do movimento questionam por que a SPU e a UFRJ tentam aprovar outra modalidade: a Concessão de Direito Real de Uso (CDRU), que, segundo explicam, “poderá ser bastante onerosa, tem menor eficácia jurídica, traz mais fragilidade para os moradores”.

O acordo busca constituir uma regularização que contemple os moradores que tem o direito à Cuem, aqueles que acumulam as seguintes características: com terrenos com até 250m², não ser proprietário de outro imóvel, ser morador desde 30 de junho de 1996, com direito sucessório (moradores depois desta data somam o tempo do morador anterior).

Ficou acordado que as entidades envolvidas no processo (AmaVila, UFRJ, SPU e Comissão de Regularização Fundiária da Vila) irão promover reuniões e oficinas de modo a esclarecer os moradores sobre os instrumentos de regularização em discussão.

A importância da Cuem

Em um pequeno quadro comparativo, os representantes do movimento apontam a necessidade da Cuem, que atende a interesse social, “na medida em que se insere como instrumento de regularização da posse no Brasil.” Nesta modalidade, há a expedição de um título e o Poder Público não tem condição de negar o direito ao concessionário.

Entre alguns dos prejuízos da CDRU estão o fato de que esta modalidade necessita de autorização legal; é possível a exigência de desafetação (a tomada do bem, inexigível na Cuem) e a expedição se faz por prazo certo ou indeterminado. Na Cuem, sob prazo indeterminado.

23/3/2010

Eleição na AmaVila

Nos dias 26 e 27 de março, a comunidade da Vila Residencial vai às urnas escolher a nova direção da Associação entre a Chapa 1 – Re-nova-Vila e a Chapa 2 – Responsabilidade Vila: as conquistas não podem parar.

5/10/2009

AmaVila reivindica sua inclusão no Plano Diretor

A Associação de Moradores e Amigos da Vila Residencial da UFRJ (AmaVila) entregou ao Comitê Técnico do Plano Diretor UFRJ 2020, para ser submetido ao Conselho Universitário na quinta-feira, dia 8 de outubro, documento reivindicando a inclusão da comunidade no PD, acompanhado de propostas.



O presidente do Conselho da AmaVila, Marcelo Cantizano, afirma que as propostas encaminhadas justificam-se "em função do abandono da comunidade pelo poder público ao longo de todas essas décadas e da ausência da universidade, que simplesmente fechou os olhos para a Vila, cujo passivo social é enorme". Segundo o líder comunitário e funcionários da UFRJ, "a população deseja ver a Vila contemplada para possam afirmar que o PDUFRJ 2020, além de participativo, foi inclusivo."

10/2/2009

Ministro das Cidades é esperado esta semana na Vila Residencial

Segundo informou o integrante do Conselho Diretor da Associação de Moradores da Vila Residencial da UFRJ, Marcello Cantizano, a confirmação da ida à comunidade ainda esta semana do Ministro das Cidades, Marcio Fontes de Almeida, está dependendo apenas da agenda do governador Sérgio Cabral, que irá acompanhá-lo.

"No dia 16 de janeiro começa a dragagem dos canais do Cunha e do Fundão. Como há o compromisso de junto com essas obras também ser iniciado o trabalho de saneamento básico na Vila, acredito que a vinda do ministro seja para ratificar esse compromisso", explicou Cantizano.

Efeitos da obra

Na avaliação do líder comunitário, as obras esperadas têm dois aspectos: "Duas mil pessoas vão deixar de jogar esgoto in natura na Baía de Guanabara e, por outro lado, essas 450 famílias não sofrerão mais os danos de residirem num local onde não há coleta ou tratamento do esgoto, e onde há refluxo da maré, que torna o ambiente insalubre."

Pablo Benetti, professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e integrante da equipe que trabalha na regularização da Vila, informou que dentro dos recursos destinados à despoluição dos canais há orçamento previsto para o esgoto sanitário e drenagem da Vila: "Foi um acordo que conseguimos com a Secretaria Estadual de Obras, e que já foi anunciado publicamente". Benetti acredita que, resolvendo o problema de escoamento e drenagem, a subida da maré não trará de volta o esgoto para dentro das casas.

O sintufrj acompanhará a execução das obras na comunidade, pois a realização das benfeitorias foi um compromisso assumido pela Reitoria da UFRJ em reunião com os moradores da Vila e dirigentes do Sindicato.

15/10/2008

Esgoto inunda casas da Vila Residencial

Casas com crianças, idosos e gestantes foram invadidas. Há riscos de doença

Há cerca de dez dias, a vida de pelo menos 80 famílias da Vila Residencial da UFRJ se transformou num inferno. Casas com crianças, idosos, gestantes foram invadidas e parcialmente inundadas por dejetos sanitários. Quintal, calçada e rua se transformaram em um mar de esgoto. Todo o bairro fede a fezes e urina.

Cada dia que passa a situação de caos na Vila se agrava e o risco de aparecimento de doenças é concreto. As Prefeituras do Rio e da Cidade Universitária foram imediatamente informadas do problema pela associação de moradores local (AmaVila), mas como o Município e a UFRJ se isentam de quaisquer responsabilidades pelo bairro, nada foi feito.

Problema

A falta de infra-estrutura urbana na Vila Residencial não é novidade, mas esta é a primeira vez que o esgoto explode das velhas tubulações. Segundo o integrante da AmaVila, Marcelo Cantizano, a Secretaria Municipal de Obras apareceu um dia, fez alguma coisa, foi embora e não voltou mais. Outra integrante da associação, Vera Valente, disse que a Prefeitura da Cidade Universitária prometeu ir até lá quando conseguisse uma retroescavadeira. A Cedae da Ilha do Governador também foi acionada, mas não deu as caras.

Enquanto isso, como num efeito dominó, mais famílias vão sendo afetadas pelo estouro das tubulações. Toda a Vila está mobilizada diante do problema. "Os próprios moradores estão fazendo a substituição das manilhas rachadas e obstruídas, e com recursos próprios. Mas o trabalho é lento e apenas paliativo", informou Cantizano.

Impasse

Os habitantes da Vila Residencial aguardam com ansiedade o término do processo de regularização fundiária da área, quando então terão direito à escritura de suas casas e começarão a pagar o IPTU. Somente depois disso é que a Vila, finalmente, será reconhecida pela Prefeitura do Rio. "Por enquanto somos tratados como seres estranhos pela municipalidade e nada é resolvido", frisou Cantizano.

Outra demonstração de descaso à Vila por parte dos Poderes Públicos é quanto ao não-cumprimento até agora do acordo firmado entre a Reitoria da UFRJ e o Governo do Estado do Rio, em relação às obras dos Canais do Cunha e do Fundão. "A contrapartida acertada pelo governo estadual com a UFRJ para que aqui sejam despejados os dejetos tóxicos desses canais foi a feitura do saneamento básico da Vila", afirmou o líder comunitário.

Indignação

A Rua Azaléia, onde mora Marli Lima e os dois filhos, ainda não foi atingida pelo vazamento de esgotos, mas ela está inconformada com o sofrimento dos vizinhos e indignada com a atitude omissa da Prefeitura da UFRJ.

"O esgoto está estourando e invadindo nossas casas. Fezes bóiam entre os móveis. É desumano o que está acontecendo com a gente. O mais absurdo foi o prefeito Hélio de Mattos declarar ao Jornal do Brasil que a Vila não pertence à instituição. Como ele pode dizer isso se foi a Universidade quem nos levou para lá?", disse a moradora.

Marli contou que o pai dela e os irmãos eram funcionários da UFRJ e que a família morava na Ilha do Catalão, enquanto outros servidores em casas de madeira construídas pelo Escritório Técnico da Universidade (ETU), próximo ao Horto da UFRJ. Até que um dia a Prefeitura da UFRJ transferiu todos para a Vila Residencial. Marli prova o que diz com um documento da Secretaria de Segurança Pública que guarda há muitos anos. "Quem nos pôs lá foi a UFRJ, como pode o prefeito Hélio de Mattos dizer que a Universidade não tem nada a ver com a gente?", indaga Marli.

10/12/2007

Poste cai na Vila Residencial

Na madrugada de sábado, 1º de dezembro, um poste tombou na Vila Residencial sobre o telhado da varanda de um dos moradores. Com a queda, outros dois postes também tombaram. A Light foi imediatamente acionada e prontamente respondeu à solicitação, terminando na tarde de domingo a substituição dos três postes de madeira por outros de concreto. O problema é que quase todos da Vila são de madeira, da época da construção da ponte Rio-Niterói, e até hoje, trinta anos depois das obras, ainda não foram substituídos.

Os moradores estão assustados com o risco de vida que correm com o estado físico dos postes, que podem continuar caindo. Além desse problema, os moradores da Vila enfrentam outro problema: os poucos postes de concreto que existem na comunidade estão fora de angulação, dando impressão de que estão caindo. A

Associação de Moradores da Vila Residencial (Amavila), está passando um abaixo-assinado para ser encaminhado à Light pedindo uma solução mais rápida para o problema.

20/10/2007

Vila Residencial faz festa para as crianças

A Associação de Moradores da Vila Residencial (AmaVila) fez uma bonita festa no dia 12 de outubro para as crianças da comunidade. Houve distribuição de lanche, como cachorro-quente acompanhado de refrigerantes, algodão-doce, bolo e muitas outras guloseimas. Nenhum pequeno morador da Vila da UFRJ voltou para casa sem ganhar um brinquedo.

Entre as brincadeiras programadas não faltou futebol. Aliás, a garotada da escolinha da Vila estava ansiosa para fazer a bola rolar. As atletas do futebol feminino brindaram os adultos com uma belíssima exibição. As mães corujas ficaram orgulhosas com o talento em campo de suas meninas. O time de veteranos jogou um amistoso e o resultado foi 2 a 2.



Promessa futura

Os coordenadores de Esporte e Lazer do SINTUFRJ, Jorge Ignácio e Jorge Pierre agradeceram os atletas da escolinha de futebol da Vila com medalhas. Na opinião deles, a qualidade técnica dos jogadores mirins já dá para vislumbrar que daquela escolinha saíram futuros craques do futebol profissional.

A festividade do Dia das Crianças na Vila Residencial foi encerrada com um pagode nota 10 da professora de educação física do SINTUFRJ, Carla e sua banda.

8/10/2007

Escolinha de futebol encanta crianças na Vila Residencial

Parceria entre Sindicato e Associação de Moradores estimula o prazer pelo esporte na comunidade

As manhãs e tardes da Vila Residencial estão mais animadas. O SINTUFRJ, em parceria com a Associação de Moradores da Vila (AmaVila), está promovendo a escolinha de futebol da comunidade. O time, que conta com 82 crianças, com idades entre 5 e 15 anos, está sendo treinado por Carla do Nascimento. Todos são dependentes de sindicalizados. A maioria é composta por meninos, mas o time feminino está crescendo. Já existem 16 meninas participando. A mais nova tem cinco anos. O projeto é coordenado pelos servidores Jorge Pierre e Jorge Inácio.

Carla conta que existe uma possibilidade de levar o time feminino para disputar, em 2008, o Campeonato Carioca. "Vamos tentar inscrever o time, mas precisamos receber a confirmação de que haverá mesmo o campeonato no ano que vem", explica a treinadora. Todo o material, como coletes, bolas, é doado pelo SINTUFRJ. O campo utilizado é da Vila Residencial. Há turmas de manhã e à tarde, dependendo do horário escolar de cada criança.

Clima entre as crianças

Joana Angélica Pereira, do Conselho Diretor da AmaVila, diz que a parceria foi muito importante para a comunidade. "Essa é uma solicitação antiga, a comunidade estava carente de uma atividade esportiva para ocupar o tempo ocioso das crianças", disse. Segundo Joana, os moradores sempre sentiram falta de uma área de lazer: "A única coisa que temos nesse sentido é um campo de futebol, que hoje está sendo utilizado por esse projeto".

Carla já sente uma mudança no comportamento das crianças. "Hoje elas estão mais sociáveis. No início brigavam muito, mas hoje estão integradas, participam das atividades propostas, estão mais concentradas", elogiou. Joana diz que os pais da comunidade estão bastante satisfeitos. "Os pais estão notando que seus filhos melhoraram o comportamento. Eles têm consciência de que o esporte ajuda no desenvolvimento das crianças", afirmou.

Dia das Crianças em grande estilo

A AmaVila informa que o dia 12 de outubro será animado para as crianças. Haverá atividades das 8h às 17h. Durante a manhã haverá torneio de futebol. À tarde, haverá lanche para as crianças, com direito a bolo, refrigerante, pipoca e cachorro-quente. As crianças poderão, ainda, se divertir nos brinquedos infláveis, como piscina de bolinhas, pula-pula e escorrega.

2/10/2007

Dia do Idoso na Vila Residencial

O Dia do Idoso foi comemorado em alto estilo na quinta-feira, 27, na Vila Residencial. Idosos e membros da comunidade que participam de um programa de exercícios físicos para a terceira idade realizaram um café da manhã com sucos e frutas para festejar a vida. A atividade foi prestigiada pelo prefeito da Cidade Universitária, Hélio de Mattos. O professor da Escola de Educação Física, Armando Alves de Oliveira, que integra um programa de extensão da unidade, também esteve presente. Os coordenadores do SINTUFRJ Francisco de Assis (geral) e Afonso Rodrigues (aposentados) marcaram o apoio da entidade ao programa desenvolvido na Vila, cuja associação também está envolvida.

O programa é coordenado pelo estudante de educação física e morador da comunidade Cláudio Correia. "Trata-se de uma iniciativa da qual participam entre 30 e 40 pessoas, sem limite de idade", explicou Cláudio. Vários aposentados da UFRJ acordam cedo durante três dias da semana (terças, quartas e quintas) para fazer ginástica. Entre eles está Maria Elizabeth, carinhosamente chamada de Beth, de 59 anos, e que trabalhou mais de 20 anos no Escritório Técnico da Universidade (ETU). "É muito bom para todo mundo", ela testemunha.

O ambiente na manhã de quinta na Vila foi de festa comunitária. Até as crianças que participam da escolinha de futebol do Sindicato foram ao café da manhã. O professor Armando fez rápido discurso, elogiando o programa e chamando atenção para a importância da atividade física para manter o corpo saudável. "Não somos terceira idade ou melhor idade. Na verdade somos pessoas especiais", disse Armando, que aproveitou para oferecer algumas dicas técnicas. Ele se colocou à disposição sempre que necessário para colaborar com Cláudio, que também conta com a parceria da professora Carla Nascimento, do Sindicato.

O prefeito Hélio de Mattos também ofereceu o apoio da Prefeitura Universitária. "Fiz questão de vir aqui, celebrar com vocês esse momento", disse Hélio. O integrante da Coordenação de Aposentados do SINTUFRJ, Afonso Rodrigues, 79 anos, disse que tem uma grande ligação com a Vila, onde, inclusive, festeja o seu aniversário.

4/8/2007

Vila Residencial exige saneamento à UFRJ

Com crianças de colo, expressões fechadas e a esperança se esvaindo depois de anos sem uma resposta para a situação de precariedade do local, moradores da Vila Residencial foram mais uma vez à Reitoria, na manhã de sexta-feira, dia 3

Acompanhados de dirigentes da associação de moradores, moradores da Vila foram à Reitoria desta vez para cobrar solução para a inundação do canal que passa atrás da Rua das Papoulas, logo na entrada da Vila, que atinge cerca de 14 casas.

O grupo foi recebido pelo reitor Aloísio Teixeira, que estava acompanhado do prefeito Hélio de Mattos e assessores. A reunião resultou em compromisso assumido pela direção da UFRJ de iniciativas que indicam a solução para os problemas.

Marcelo Cantizano, representante da associação, explicou que o problema começou com o aterro para instalação do Parque Tecnológico, que subiu em quatro metros o nível do terreno na divisa com a Vila, onde corria livre um canal. Trouxe problemas imediatos, que foram contornados com o tempo. Depois a empresa Superpesa aterrou o canal, que, agora, passou a transbordar.

Um caso de hepatite

A água misturada com esgoto atinge os quintais, favorecendo a disseminação de doenças e afetando a estrutura das construções. Já há um morador, servidor da Coppe, com hepatite. Crianças e idosos têm problemas dermatológicos. São 14 famílias expostas a tudo isso.

Aproveitando a oportunidade, Cantizano lembrou que é um absurdo a realização de obras para despoluição dos canais do Fundão e do Cunha sem que haja obras na Vila, que tem duas mil famílias e lança esgoto in natura na baía. Aloísio Teixeira disse que a realocação das famílias afetadas é questão de urgência e que o diretor do Parque Tecnológico, Maurício Guedes, buscou contato com a Petrobras para pedir recursos.

Disse que o Conselho Universitário aprovou na semana anterior a integração da UFRJ ao programa de despoluição dos canais proposto pela Secretaria do Meio Ambiente, tendo como uma das exigências a necessidade de saneamento e urbanização da Vila. Ele disse ainda que, em paralelo, há iniciativas junto ao Ministério das Cidades, em busca de regularização fundiária. E reconheceu que a situação é "dramática, horrorosa".

Cobrança de cronograma

Cantizano cobrou um cronograma para a solução e que a comunidade tivesse dois representantes na comissão que vai acompanhar o programa de despoluição dos canais em torno do Fundão, com a concordância de Teixeira. O prefeito explicou que a empresa Superpesa se comprometeu a dragar o canal e que se a negociação com a Petrobras fosse bem sucedida, em dois dias poderiam ser erguidas casas novas para remoção. A associação de moradores tem um plano urbanístico que vai orientar a mudança.

Na terça-feira, dia 7, haverá uma reunião com a Petrobras. Na quarta-feira, dia 8, os moradores se reúnem com o prefeito para avaliar o resultado, e na segunda-feira, dia 13, eles têm audiência com o reitor. O Comando Local de Greve anunciou que, se for necessário, liberam funcionários da DVST e da Prefeitura para vacinação ou obras emergenciais.

Acompanhados de dirigentes da associação de moradores, moradores da Vila foram à Reitoria desta vez para cobrar solução para a inundação do canal que passa atrás da Rua das Papoulas, logo na entrada da Vila, que atinge cerca de 14 casas.

O grupo foi recebido pelo reitor Aloísio Teixeira, que estava acompanhado do prefeito Hélio de Mattos, do pró-reitor de Planejamento e Desenvolvimento, Carlos Levi, e do chefe de gabinete João Eduardo. A reunião resultou em compromisso assumido pela direção da UFRJ de iniciativas que indicam a solução para os problemas.

Marcelo Cantizano, representante da associação, explicou que o problema começou com o aterro para instalação do Parque Tecnológico, que subiu em quatro metros o nível do terreno na divisa com a Vila, onde corria livre um canal. Trouxe problemas imediatos, que foram contornados com o tempo. Depois a empresa Superpesa aterrou o canal, que, agora, passou a transbordar.

Um caso de hepatite

A água misturada com esgoto atinge os quintais, favorecendo a disseminação de

doenças e afetando a estrutura das construções. Já há um morador, servidor da Coppe, com hepatite. Crianças e idosos têm problemas dermatológicos. São 14 famílias expostas a tudo isso.

Aproveitando a oportunidade, Cantizano lembrou que é um absurdo a realização de obras para despoluição dos canais do Fundão e do Cunha sem que haja obras na Vila, que tem duas mil famílias e lança esgoto in natura na baía.

Aloísio Teixeira disse que a realocação das famílias afetadas é questão de urgência e que o diretor do Parque Tecnológico, Maurício Guedes, buscou contato com a Petrobras para pedir recursos.

Disse que o Conselho Universitário aprovou na semana anterior a integração da UFRJ ao programa de despoluição dos canais proposto pela Secretaria do Meio Ambiente, tendo como uma das exigências a necessidade de saneamento e urbanização da Vila. Ele disse ainda que, em paralelo, há iniciativas junto ao Ministério das Cidades, em busca de regularização fundiária. E reconheceu que a situação é "dramática, horrorosa".

Cobrança de cronograma

Cantizano cobrou um cronograma para a solução e que a comunidade tivesse dois representantes na comissão que vai acompanhar o programa de despoluição dos canais em torno do Fundão, com a concordância de Teixeira.

O prefeito explicou que a empresa Superpesa se comprometeu a dragar o canal e que se a negociação com a Petrobras fosse bem sucedida, em dois dias poderiam ser erguidas casas novas para remoção. A associação de moradores tem um plano urbanístico que vai orientar a mudança.

Na terça-feira, dia 7, haverá uma reunião com a Petrobras. Na quarta-feira, dia 8, os moradores se reúnem com o prefeito para avaliar o resultado, e na segunda-feira, dia 13, eles têm audiência com o reitor.

Regularização Fundiária

O Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) programou para esta quarta-feira, 8 de agosto, a palestra da secretária de Patrimônio da União, Alexandra Reschke, sobre o tema "A regularização fundiária de interesse social em terras da União". O IAB fica na Rua do Pinheiro nº 10, Rio de Janeiro.

Seleção de Futebol Feminino campeã do PAN visita a Vila



MENINAS DE OURO. Na fila de cima, Aline (a capitã da equipe), Cristiane (atacante), Carla e Bárbara (goleira). Rani (time do SINTUFRJ), KOKI (volante) e Grazi (goleira)

No dia da conquista do ouro pela Seleção Brasileira Feminina de Futebol, quem recebeu o presente foi a Vila Residencial. Às 22h, cinco jogadoras da seleção vieram fazer uma surpresa à comunidade, instalando-se na casa de Carla do Nascimento, treinadora do

SINTUFRJ há 11 anos. Carla explica o contato: "Na fase de preparação, a Seleção Feminina faz amistosos com times masculinos. O time do sindicato já jogou quatro vezes com elas e ficamos todos amigos", disse. Koki, Grazi, Babi, Cris e Aline – a capitã do time – comemoraram a conquista com a Vila até meia-noite. "Os vizinhos invadiram a minha casa. Todo mundo queria tirar fotos com elas, que foram super- simpáticas".

Depois do ouro...

Carla diz que não há incentivo ao futebol feminino. A maioria das nossas atletas de ouro voltarão, após o Campeonato Mundial do Japão, no mês que vem, para pequenos times, com estrutura muito inferior ao que seria necessário para desenvolver bons atletas. "Esperamos conseguir alguma coisa com o desempenho da Seleção Feminina no Pan", diz a treinadora. Segundo ela, o Rio de Janeiro é um dos piores estados brasileiros em termos de apoio ao esporte. "Aqui no Rio não há nenhum campeonato oficial. São Paulo possui as equipes mais estruturadas", comenta.

A treinadora

Carla do Nascimento é professora de futebol do SINTUFRJ desde 1996, quando montou um time feminino. "Sou ligada em esportes desde pequenininha, quando fazia natação. De lá pra cá não parei. Já fiz diversas modalidades esportivas. Fui até da Seleção Ca-rioca de Handebol", revelou. Ela também treina o futebol feminino de areia dos jogos regionais de São Paulo, representando Aparecida do Norte. A treinadora é uma descobridora de talentos. Diversos atletas seus já foram encaminhados à CBF e a outras confederações e times de futebol. "Apesar de não termos incentivos ou patrocínios, o SINTUFRJ é o melhor time do Rio de Janeiro", disse orgulhosa.

28/3/2007

AMAVILA tem nova direção

A AMAVILA realizou eleições para a gestão 2007-2009 de sua diretoria nos dias 27 e 28 de abril. A chapa Ousar Para Conquistar obteve 442 dos 471 votos. Houve 26 votos contrários e 3 nulos. O Conselho Diretor é composto por Cláudio Corrêa da Silva, Joana Angélica Pereira, Marcelo Cantizano dos Santos, Rafael Vargas Coelho, Vera Valente de Freitas e Wagner Vinícius Neves da Silva. O Conselho Fiscal é formado por Rodrigo Marques Teobaldo e Wanderlei Guimarães de Amorim.

28/11/2006

Solução à vista

Reitor, otimista, diz que Ministério das Cidades vai liberar verbas para a Vila Residencial

O Ministério das Cidades (MC) liberará recursos para que se possa fazer um estudo topográfico para viabilizar a regularização fundiária da Vila Residencial. De acordo com o reitor da UFRJ, Aloísio Teixeira, o Ministério enviará uma verba, ainda este ano, para o levantamento de dados relacionados ao terreno da Vila. Segundo Aloísio, as faculdades de Arquitetura e Engenharia, que já possuem alguns trabalhos sobre a Vila, podem auxiliar nesse procedimento.

Segundo Teixeira, a Reitoria vê com bons olhos o contato com o Ministério das Cidades. "É a primeira vez que temos uma real possibilidade de resolução para a Vila, que é uma história antiga. A UFRJ sempre teve dificuldades para fazer algo concreto pela Vila, mas já apoiamos dois movimentos. O primeiro foi o projeto bairrinho junto com a Prefeitura do Rio de Janeiro. Mas ele não foi efetivado porque a Prefeitura alegou que não havia mais recursos. A nossa segunda tentativa foi com o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). O Lessa, então presidente do BNDES, apoiou alguns projetos, no final de 2003. Então levamos um projeto que começou a tramitar, mas o Lessa saiu do Banco e não conseguimos dar andamento com o outro presidente", disse GRUPO DE TRABALHO – De acordo com o reitor, o próximo passo a ser tomado será a organização do grupo de trabalho, que terá representantes da Reitoria, da Associação de Moradores e Amigos da Vila Residencial (AmaVila) e do Ministério das Cidades. Esse grupo terá que formular propostas para a Vila Residencial. "O nosso interesse é que tudo seja resolvido no prazo mais curto possível. Mas ainda não sabemos como se dará a solução legal, porque há variadas possibilidades. Queremos uma solução que contemple os interesses da Vila e da UFRJ. E é claro que isso vai envolver os colegiados da Universidade. O Conselho Universitário vai ter que aprovar as resoluções porque não se pode passar por cima dos colegiados da UFRJ", disse.

7/11/2006

Governo diz que vai regularizar Vila Residencial

A Vila Residencial recebeu o gerente de projetos do Ministério das Cidades, Sérgio Andréa. Ele é responsável pelo setor de regularização fundiária de terras da União. A visita ocorreu após três meses de contato entre a Associação dos Moradores e Amigos da Vila Residencial (AmaVila) e o ministro das Cidades, Márcio Fortes. Antes de caminhar pelas ruas da comunidade, Andréa, que se reuniu com o reitor Aloísio Teixeira, acordou estabelecer uma ação conjunta entre Ministério das Cidades, UFRJ e AmaVila para iniciar o processo de regularização da Vila.



Depois da reunião com o reitor, Sérgio Andréa se encaminhou à Vila Residencial e foi recebido por integrantes da AmaVila e moradores da comunidade. Na associação foram apresentados slides e vídeos que mostravam a história de luta e resistência da comunidade, que tem cerca de dois mil habitantes. Nos vídeos apresentados, a declaração do morador mais antigo, Ari, e a situação de risco causado pela cheia da maré que invade as casas foram os pontos mais destacados. Os desejos por melhoria alimentados pela comunidade, depois da legalização do terreno e das obras de infra-estrutura, foram organizados da seguinte forma: urbanização, inclusão digital, revitalização do manguezal, projetos de pré-vestibular, cursos de idiomas e construção de um centro esportivo.

Compromisso firmado

Andréa elogiou a qualidade da apresentação da AmaVila e reafirmou o compromisso, já acordado com a UFRJ. "A nossa obrigação é fazer com que se exerça a função social da propriedade. No nosso programa, Mediação de Conflitos, a participação da comunidade é muito importante. E o primeiro passo é a regularização fundiária e, conseqüentemente, a urbanização", disse. Segundo Sérgio Andréa, o crescimento demográfico é uma das preocupações da UFRJ e do ministério. "Estamos tratando de um problema diferente, já que a área ocupada fica na Universidade. Temos a sensibilidade de que é possível a permanência dos moradores, mas por se tratar de um terreno de estudos, temos que definir um marco para o número de famílias. E isso será discutido com muita transparência com a comunidade", disse.



De acordo com Sérgio Andréa, a regularização não poderá ser feita nos meses de novembro e dezembro porque os recursos do governo só poderão ser disponibilizados a partir de janeiro. "Voltarei à UFRJ com mais calma e estabeleceremos formalmente novos encontros para definirmos os passos que serão dados para a regularização. Mas tudo será feito com a participação da comunidade", disse. Segundo o integrante da AmaVila, Rafael Vargas, nunca se

chegou tão perto da resolução dos problemas da Vila: "Com esta concessão, poderemos brigar pelos nossos direitos, pois a Prefeitura e o Estado terão que se responsabilizar por promover melhorias na infra-estrutura da nossa comunidade."

Reportagens foram referência

De acordo com Joana Angélica Pereira, coordenadora da AmaVila, a visita do gerente de projetos do Ministério das Cidades, Sérgio Andréa, só ocorreu porque a Associação entrou em contato com o ministro das Cidades Márcio Fortes. "Eu estava ouvindo o rádio quando o locutor disse que o ministro estava na programação para responder às perguntas dos ouvintes. Depois de consultar alguns integrantes da AmaVila, liguei para a rádio e falei ao vivo com o Márcio Fortes e lhe disse que tínhamos um problema de legalização fundiária. Ele me pediu para enviar uma carta com a história da Vila, e ainda anexei a série de matérias publicadas no Jornal do SINTUFRJ sobre a Vila Residencial. E deu certo", disse.



Comunidade quer regularização fundiária

Reivindicação foi apresentada ao então candidato a reitor Aloísio Teixeira

No plano de suas relações com a UFRJ, a comunidade da Vila Residencial elege como principais prioridades da comunidade a regulamentação fundiária no Ministério das Cidades e a busca de parcerias da universidade com o poder público

para viabilizar obras de urbanização, de acordo com o diretor da AmaVila, Marcello Cantizano. Essas reivindicações foram apresentadas pela associação de moradores em uma carta-proposta, no dia 15 de maio de 2003, ao então candidato a reitor, Aloísio Teixeira. "As reivindicações continuam atualíssimas. Estamos em um momento propício para discutir o problema da Vila, já que o tema está previsto no Plano de Desenvolvimento Institucional", observa Marcello Cantizano.

Para a comunidade, o caminho para a solução da regulamentação fundiária e urbanização do lugar seria a concessão de uso especial para fins de moradia prevista na Medida Provisória (MP) 2.220, de setembro de 2001, que prevê a concessão de terras públicas. Com isso a Vila deixaria de estar sob a responsabilidade da Universidade e a administração passaria para o Município. "Em 11 de setembro saiu uma emenda constitucional dizendo que toda MP editada até aquela data permaneceria no mundo jurídico até que uma lei a revogasse. Como nenhuma lei a revogou, a MP 2.220 tem caráter de Lei. Agora, a UFRJ deve decidir como vai obedecer à lei", lembra Marcello Cantizano. Procurado pelo Jornal do SINTUFRJ, o reitor Aloísio Teixeira prometeu se pronunciar esta semana sobre o assunto.

O que cobra a comunidade

- Regulação fundiária no Ministério das Cidades;
- Busca de parcerias da UFRJ com o poder público para efetivação da urbanização;
- Convênio com a Universidade no que se refere ao seu papel (ensino, pesquisa e extensão);
- Reafirmação da autonomia de gestão da comunidade, bem como no seu relacionamento com o poder público.

Debate necessário sobre a Vila Residencial

O jornal do SINTUFRJ pautou nestas últimas edições os problemas enfrentados pelos moradores da Vila Residencial, e buscando colaborar com esta série de reportagem, na qualidade de morador e ex-presidente a AMAVILA, quero expor alguns problemas que teremos que enfrentar numa fraterna e contundente posição.

- A comunidade universitária precisa tomar conhecimento de que desde a alocação dos diversos moradores para o antigo canteiro de obras da ponte Rio/Niterói esta área física sempre foi caracterizada como Vila residencial da UFRJ, porém as residências construídas são benfeitorias adquiridas com o sacrifício dos próprios moradores;
- Não existe uma regra clara de responsabilidade administrativa da área e as diversas Reitorias sempre buscaram administrar de forma que mais convém os momentos. Afinal somos ligados a quem? Reitoria? Prefeitura do município? Precisamos de definição.

Entretanto, o debate do PDI nos permite pautar estas questões para buscar uma solução definitiva para a comunidade, pois estamos cansados de embromações, de projetos sem solução, de promessas pré-eleitorais e de soluções paliativas.

Por estas razões precisamos juntar forças para caminhar em parceria com toda a Reitoria e a comunidade universitária, buscando uma solução definitiva de curto, médio e longo prazo. Somos trabalhadores e conhecemos as limitações orçamentárias da nossa Universidade, porém não podemos aceitar esta situação de penúria que já dura mais de três décadas, vamos buscar parceria com o Município, Estado ou Governo Federal.

Não queremos ser tratados como coitadinhos, mas não podemos permitir que as nossas crianças e jovens fiquem à margem da inclusão social aplicada a outras comunidades, como é o caso do Projeto Mangueirinha. Não podemos esquecer das promessas do Parque Tecnológico com relação à geração de emprego e renda para a comunidade quando da sua instalação.

Por fim, quero agradecer as iniciativas isoladas de unidades da UFRJ, como é o caso da EEAN, que mesmo com todas as dificuldades se mantém presente na comunidade, dos alunos de Biologia que ministram atividades de educação ambiental para nossas crianças e a outras unidades que apresentaram projetos de extensão para nossa comunidade, o que demonstra que a nossa esperança não está totalmente perdida.

Francisco de Assis dos Santos

Coordenador Geral do SINTUFRJ

Jogo de empurra impediu urbanização da Vila Residencial

As condições de vida da Vila Residencial poderiam ser diferentes se na comunidade tivesse sido realizado, em 1996, o Programa Favela-Bairro Popular. A afirmação é de dirigentes da Associação dos Moradores e Amigos da Vila Residencial (AmaVila). A comunidade foi incluída no plano diretor do Rio de Janeiro, em dezembro de 1996, quando saiu no Diário Oficial do Município a implantação do Programa Favela-Bairro (PFB) na Vila Residencial. Porém, a comunidade não sabe o porquê de o projeto não ter sido concretizado. "Ora o município diz que não fez o projeto porque a Reitoria, da época, não permitiu, como acusou a então secretária de Habitação do município, Solange Amaral. E ora, a UFRJ diz que não impediu a realização do projeto. E fica esse jogo de empurra até hoje", disse o diretor Marcello Cantizano.

Em 2004 a AmaVila, baseada na Medida Provisória 2.220, que determina a Concessão de Uso Especial de Terras Públicas, entrou no Ministério Público Federal com o pedido de concessão do espaço para fins de moradia. O objetivo seria remover obstáculos para que a Prefeitura do Rio pudesse realizar obras de urbanização na comunidade. Além disso, saindo a concessão, os moradores sairiam da órbita da UFRJ e poderiam obter as escrituras dos imóveis que ocupam há anos. No documento encaminhado ao Ministério Público, a AmaVila alegava que a universidade teria vetado a implantação do Favela-Bairro.

Em agosto de 2005, o Ministério Público solicitou à UFRJ que se pronunciasse sobre o caso. Em dezembro de 2005, a UFRJ, através da Prefeitura da Cidade Universitária, respondeu ao MP, contestando as informações apresentadas pela associação de moradores. Além disso, apresentou, um documento anexo da Subprefeitura da Ilha do Governador no qual argumenta que a Vila Residencial não havia sido incluída no Programa Bairrinho da Secretaria Municipal de Habitação por falta de recursos orçamentários. Com isso, a Procuradoria da República arquivou o processo, em janeiro deste ano.

"Não sabemos o que houve. Reivindicamos a implantação o Programa Favela-Bairro Popular, que saiu no Diário Oficial de 1996, para o Ministério Público e a UFRJ respondeu com um programa diferente, que é o Projeto Bairrinho, feito em menor escala do que o Favela-Bairro", afirmou Cantizano.

Segundo a Prefeitura da Cidade Universitária, a UFRJ não tem conhecimento do Programa Favela-Bairro. "Em conversas com a AmaVila nunca foi citado o Programa

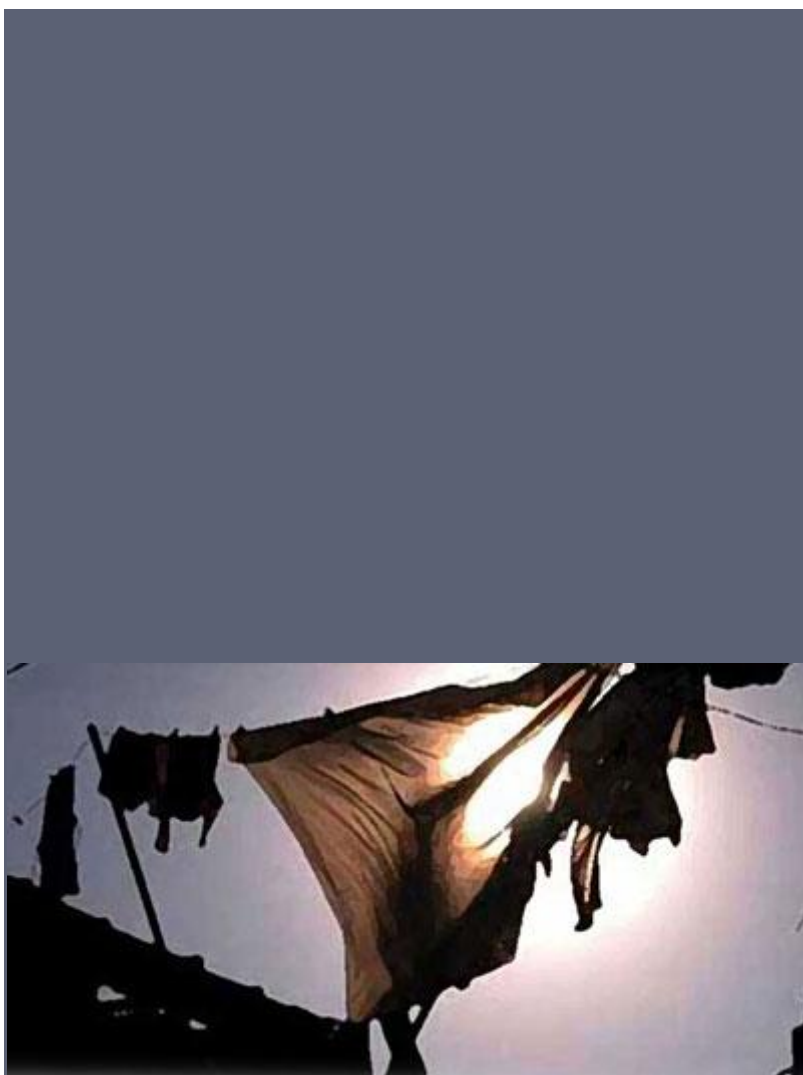
Favela Bairro, mas já discutimos sobre Projeto Bairrinho. Se tivesse respondido de forma errada à solicitação do Ministério Público, eles teriam acusado o erro. O Ministério Público não teria arquivado o processo se a resposta não estivesse correta”, afirma Hélio de Mattos.

Favela-Bairro

De acordo com a AmaVila, a situação da comunidade seria melhor se o Programa Favela-Bairro fosse implantado. “Não podemos falar de saúde se não há saneamento básico e urbanização. Em 1997, tivemos cinco casos de meningite e em 2001 uma epidemia de dengue. Sem contar os problemas dermatológicos. Isso porque temos água empossada, poeira e o refluxo de água da maré, que entra nas casas das pessoas”, diz Cantizano.

Segundo o diretor da AmaVila, a baixa-estima dos moradores também é um problema constante. Um dos moradores mais velhos da Vila, Ary da Rocha Tristão, encontra-se em profunda depressão, pois sua sobrinha tem um grave problema de saúde que é agravado por causa das péssimas condições de vida do local. “Ele está desesperançado e diz que gostaria de viver o suficiente para ver a Vila melhorar”, afirma.

Prefeito: atendimento pontual



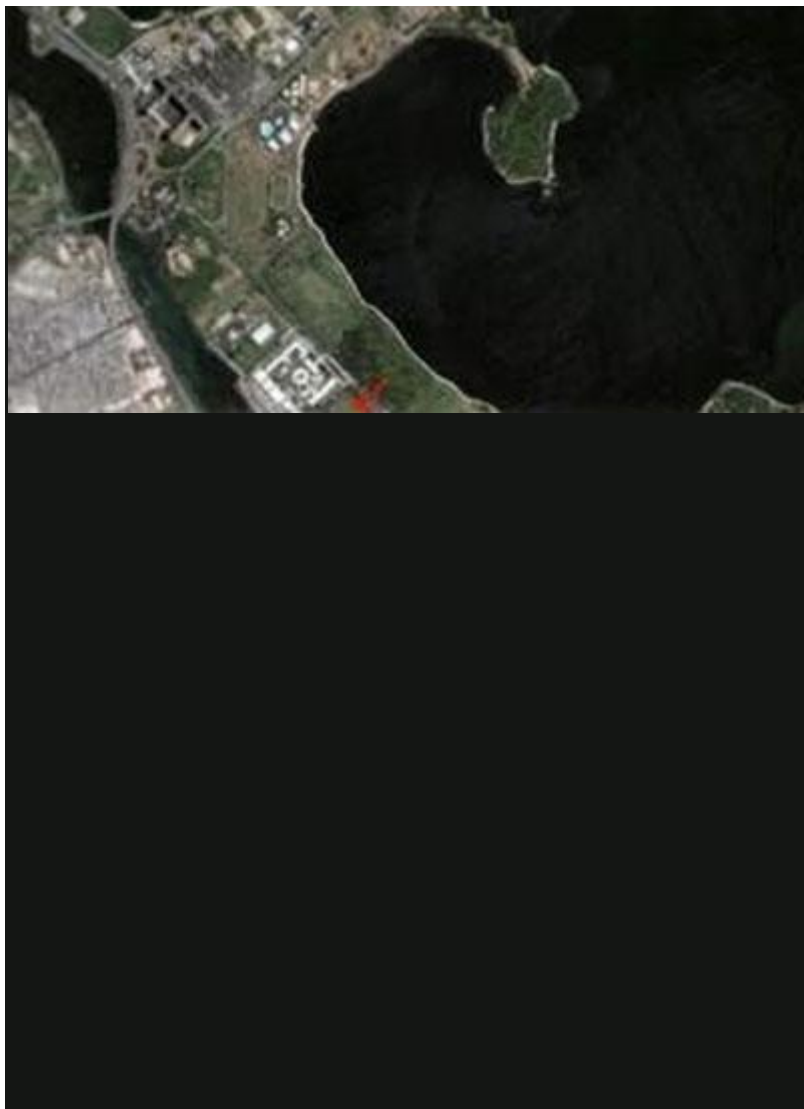
De acordo com o prefeito, o fato de a Vila Residencial não ser uma unidade da UFRJ faz com que a comunidade não faça parte do planejamento da universidade. “A União não destina recursos para a Vila. Fazemos atendimentos pontuais dentro do que a legislação nos permite. A Vila no nosso entender é um bairro, por isso os serviços para a comunidade devem ser oferecidos pelo poder público. Não podemos substituir o poder público. A Reitoria, a PR-5 e a Prefeitura vão discutir esse assunto para que possamos dar um tratamento formal à Vila”, diz.

Já a diretora da AmaVila, Vera

Valente, diz que “o poder público não pode investir em um lugar que não é de sua competência. A Vila há muito tempo é um laboratório da UFRJ, e nós nos queixamos da falta de um retorno institucional. A UFRJ se omite, mas a responsabilidade é dela. A universidade não definiu o que quer fazer daquele espaço. Por isso, a UFRJ e o Município devem encontrar um denominador comum para resolver a situação”, diz.

Comunidade da Vila Residencial luta pela sua inclusão no ambiente urbano da Cidade Universitária

Com cerca de 2.000 habitantes, que ocupam, aproximadamente, 400 domicílios, a Vila Residencial – comunidade que abriga funcionários da universidade – é um berço de histórias. Tanto que já virou objeto de estudo de um grupo de estudantes de Antropologia da UFRJ, que apresentou na Jornada de Iniciação Científica, do ano passado, o trabalho é “A Vila Residencial – UFRJ: visões de uma



trama social". De acordo com uma das autoras do trabalho e diretora da Associação de Moradores e Amigos da Vila Residencial da UFRJ (AmaVila), Vera Lúcia Valente de Freitas, o objetivo do estudo foi analisar o processo histórico de formação da Vila Residencial, cujas condições de vida da população não trazem orgulho aos seus moradores. Depois de anos, continua sendo um corpo estranho na paisagem da Cidade Universitária.



Segundo a diretora da AmaVila, uma fatia dos problemas estruturais que a Vila enfrenta até hoje teve origem na forma como ela começou a ser ocupada, em 1978: os primeiros moradores foram removidos de suas casas espalhadas pela Ilha do Fundão. À época o país vivia a ditadura militar, o que tornou impossível atos de resistência à ação. "A infra-estrutura do canteiro de obras da Ponte Rio-Niterói, para onde os moradores da Ilha do Fundão foram removidos, era péssima. Mas ninguém questionou por causa do medo do governo. Então, a Vila não foi projetada. Por isso, os próprios moradores cuidaram do esgoto, que é jogado in natura na Baía de Guanabara, em frente à Estação de Tratamento do Caju. O arruamento e a construção das casas foram feitos pelos moradores também", diz.

Problemas - A moradora da Vila há mais de 30 anos, Dalva da Silva Santos, de 73 anos, mulher de um ex-funcionário da UFRJ, apesar de considerar o lugar tranquilo, reclama da falta de urbanização, saneamento básico e transporte. "Quando chove, a rua fica cheia de lama e a maré enche. Isso faz com que dos ralos saia água de esgoto. Quando não chove, a poeira toma conta das ruas e as crianças têm dificuldade para respirar. Chovendo ou não chovendo encontramos problemas porque a nossa casa fica imaculada. A condução também é complicada, porque nos feriados e fins de semana o ônibus só passa de hora em hora. É uma situação muito ruim", afirma.

Já Amilton Teixeira de Abreu, morador há cerca de 15 anos da Vila e funcionário do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho, entende que as melhorias no local devam ser acompanhadas de medidas que controlem a entrada de novos moradores na comunidade. "Aqui é o paraíso em pleno Rio de Janeiro. Por isso defendo as benfeitorias, deve haver um mecanismo de controle de novos moradores." O receio de Amilton é que com a urbanização do lugar, novos moradores sejam atraídos, descaracterizando a comunidade.

Propostas da AmaVila -Para tentar resolver esses problemas, a AmaVila organizou uma carta pública com propostas e reivindicações que foi entregue ao reitor da UFRJ no ano de 2004. As principais propostas são: regulamentação fundiária; busca de parcerias da UFRJ com a Prefeitura do Rio de Janeiro para implementação do Projeto Bairrinho; convênio de extensão com a comunidade e autonomia de gestão

democrática da comunidade, bem como no seu relacionamento com o poder público.

Além disso, de acordo com a direção da AmaVila, o fruto dessa pauta de reivindicação foi a criação do Programa de Inclusão Social Vila Residencial-UFRJ, no qual é realizado um trabalho interdisciplinar com 25 unidades da UFRJ. O programa funciona com cinco áreas temáticas: educação e cultura; geração de renda e trabalho; urbanismo e meio ambiente; saúde, e direitos humanos. "É um trabalho voltado para a cidadania e desenvolvimento das pessoas. O nosso objetivo é a inclusão social e inserção, de fato, do poder público na comunidade. Nós viramos um laboratório de mão dupla, doamos e recebemos", afirma Vera Lúcia.

Na próxima semana: o histórico da Vila Residencial e suas relações institucionais com a UFRJ